

CARTOGRAFIAS INTENSIVAS: NOTAS PARA UMA EDUCAÇÃO EM GEOGRAFIA

Cartographies intensive: notes for an education in Geography

Cartografías intensivas: apuntes para una educación en Geografía

Ana Maria Hoepers Preve

Doutora em Educação

Departamento de Geografia

Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED/UEDESC

e-mail: anamariapreve@linhalivre.net

Resumo

As questões levantadas no presente texto derivam de uma oficina na qual se estabeleceu uma situação de jogo. O trabalho foi realizado no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP) de Florianópolis/SC com um grupo de pacientes-internos. O jogo – experimentações da oficina de educação em geografia – deu a perceber que existe uma geografia de intensidade que se reporta aos espaços intensivos. Tal percepção tensiona o hábito consolidado por uma prática geográfica escolar de pensar os mapas como verdades do espaço e do território. Esse é um dos pontos importantes do trabalho, cuja ênfase recai na apresentação dos resultados de uma pesquisa de educação em geografia na qual se utilizou oficinas como meio para inventar espaços no espaço conhecido e percorrido.

Palavras-chave: cartografias intensivas, mapas intensivos, educação em geografia



Abstract

The issues raised in this text are derived from a workshop which was established in a game situation. The study was conducted at the Hospital of Custody and Psychiatric Treatment (HCTP) in Florianópolis/SC with a group of patients-house. The game – trials of educational workshops in geography – gave notice that there is a geography of intensity that relates to spaces intensive. This perception tightens the habit nurtured by a geographic practice school of thinking maps as truths of space and territory. This is one of the important points of the work, whose emphasis is on presenting the results of a survey of education in geography at the workshop which was used as a means to invent spaces in the space known and followed.

Keywords: intensive cartographies, intensive maps, education in geography.

Resumen

Las cuestiones planteadas en este texto se derivan de un taller que se estableció en una situación de juego. El estudio se realizó en el Hospital de Custodia y Tratamiento Psiquiátrico (HCTP) de Florianópolis/SC, con un grupo de pacientes internos. El juego – ensayos de talleres educativos en la geografía – dio aviso de que hay una geografía de la intensidad que se refiere a los espacios de uso intensivo. Esta percepción refuerza el hábito cultivado por una práctica geográfica de la escuela de pensar en los mapas como verdades de espacio y territorio. Este es uno de los puntos importantes de la obra, cuyo énfasis está en la presentación de los resultados de un estudio sobre la educación en la geografía en talleres que se utilizaron como un medio para crear espacios en el espacio conocido y seguido.

Palabras clave: Resumen; Resumen; Resumen.



Introdução

I. Uma criança no escuro, tomada de medo, tranquiliza-se cantarolando. Ela anda, ela pára, ao sabor de sua canção. Perdida, ela se abriga como pode, ou se orienta bem ou mal com sua cançãozinha. Esta é como o esboço de um centro estável e calmo, estabilizador e calmante, no seio do caos. Pode acontecer que a criança salte ao mesmo tempo que canta, ela acelera ou diminui seu passo; mas a própria canção já é um salto: a canção salta do caos a um começo de ordem no caos, ela arrisca também deslocar-se a cada instante. (Deleuze; Guattari, 1997, p. 116)

Mapas são imagens fortes, fixas e recorrentes na Geografia; são documentos que dizem de um modo de ver o mundo calcado na representação do que está dado a ver. Funcionam como documentos de verdade do território. Há uma imagem-mapa pronta e consolidada em qualquer vivente escolarizado ou semi-escolarizado, uma imagem de que o mapa representa o território. Não é qualquer imagem do território, feita de qualquer modo, que podemos chamar de mapa. Instrumentos

e procedimentos apropriados concorrem na sua produção e funcionamento como imagem precisa do território extensivo. Mesmo sabendo que há outras proposições em curso, questionando essa qualidade dos mapas como instrumentos de poder do território, na escola e na sociedade em geral, a associação ainda é direta: geografia é igual a mapas, que por sua vez representam o território.

Na imagem consolidada – que associa geografia a mapas, e mapas àquela imagem única que dá conta de representar o território –, reunimos elementos que nos permitiram pensar em aspectos distintos da representação por mapas, estes tomados apenas como representação de extensões físicas. Nesses fazeres, torna-se também perceptível a ideia de mapa, cuidadosamente conservada, – de linhas e cores, de cálculos matemáticos, tamanhos, distâncias, escalas, e bases de dados – que determinam a imagem do território, tomando o lugar de outras possibilidades com os



mapas.¹ No trabalho que empreendi, trata-se de atualizar potências nessas imagens consolidadas. As noções de mapa e de território foram colocadas em relação a outras que surgiram num contexto específico e funcionaram sem almejar a representação e as referências fixas. Nessa atualização configuraram-se outros territórios.

Os mapas são construções de uma sociedade, nesse sentido não podemos esquecer o que Harley (2009, p. 7) destaca: “a história dos mapas está intimamente ligada à ascensão do Estado-nação no mundo moderno. (...) O Estado tornou-se e permaneceu um dos principais mandatários da atividade cartográfica europeia.” Assim como não podemos esquecer as relações que Oliveira Jr. (2009, p.4)

1 O exemplo de Girardi et al. (2011, p. 2) é ilustrativa aqui. Dizem os autores: “Como modalidade de fazer mapas é prática comum a iniciação cartográfica nas séries iniciais do ensino por meio do ‘percurso casa-escola’. Os desenhos, imaginações do percurso casa-escola, são feitos de acordo com a maneira que o aluno se relaciona com o espaço, porém são, em regra, posteriormente tomados como algo precário, pois não são constituídos com elementos básicos da cartografia formal como norte, visão vertical e escala. O conhecimento da linguagem cartográfica parte deste modo de grafar para negar-lhe legitimidade de linguagem a falar do espaço.

tece acerca da função dos mapas nos atlas escolares e dos discursos de verdade sobre eles que circulam entre nós.

Eles, os mapas, estão a nos educar o pensamento por meio da educação dos olhos para esta ficção, uma educação que nos leva a memorizar as fronteiras políticas como a única maneira de nos movimentarmos – encontrarmos os lugares, referenciá-los, relacioná-los uns aos outros – nas obras cartográficas. Isso se dá de maneira muito mais forte nos mapas voltados aos escolares que nos mapas voltados aos profissionais. Uma evidente política de criação de uma memória pública (Oliveira Jr., 2009, p.4).

Esse texto mostra um jogo experimentado nas oficinas, e, por meio dele foi possível produzir uma imagem a qual seus jogadores decidiram chamar *mapa*. Se o mapa, rapidamente falando, é um conjunto de linhas, cores, disposições e distribuições, que dizem de um determinado fenômeno e/ou situação espacial, pergunta-se sobre esse outro conjunto



de linhas “feito com nossas próprias mãos” e se ele não pode ser chamado de mapa? De que territórios tratam essas novas linhas?

A pergunta, um tanto desconfortável, formulada pelo grupo de internos de um Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP), abriu espaços para pensar e rever a imagem-mapa consolidada e o território reduzido a uma exclusiva porção extensiva da superfície terrestre. Mas um mapa pode ser feito de outro modo, dando a ver outros territórios porque, segundo Rolnik (1989), paisagens psicossociais também são cartografáveis. É nesse sentido que os mapas produzidos pelos internos apresentam outros territórios. Não são melhores ou mais verdadeiros e não substituem os mapas oficiais. São chamados de mapas na medida em que resultam de uma cartografia particular, chamada aqui de intensiva na qual se registra os deslocamentos do pensamento de homens presidiários, internos em um hospital de psiquiátrico cujo território

físico em que podem se movimentar reduz-se as partes do HCTP a que tem acesso. Mapas intensivos resultam de movimentos do pensamento em zonas intensivas. E, como dizem Deleuze e Guattari (1992), o território só vale em relação a um movimento através do qual se pode sair dele num processo de desterritorialização.

Doreen Massey questiona os efeitos sociais e políticos da concepção do espaço como superfície que se estende ao nosso redor, como contínuo de terra e mar, como algo dado, a ser percorrido (ou conquistado). A autora pergunta: “O que poderia significar reorientar essa imaginação, questionar esse hábito de pensar o espaço como uma superfície? Se, em vez disso, concebêssemos um encontro de histórias. O que aconteceria às nossas imaginações implícitas de tempo e espaço?” (Massey, 2008, p. 23).

Questionar hábitos de pensar o espaço como superfície que se percorre em extensão,



e os mapas como representação documental das feições da superfície terrestre é questionar os instrumentos de verdade dos quais a Geografia se vale e aos quais se refere. Girardi diz que o “estatuto imagético dos mapas, seu poder de fixação documental dos atributos de um pedaço do mundo do qual a Geografia fala, transforma-o em legitimador do fazer geográfico, transferindo sua força de símbolo também para o ensino de Geografia” (Girardi, 2009, p. 148). Os mapas são instrumentos presentes em diversas sociedades, utilizados para fins diversos de registro da espacialidade facilitando “a compreensão espacial de objetos, conceitos, condição, processos e fatos do mundo humano” (Harley, 1991, p. 7). A mesma autora, a partir da colocação de Harley, afirma que

[e]ssa matriz de pensamento acerca do mapa é que nos habilita a pensar nos significados desse objeto-mapa na construção de conhecimentos geográficos para além do campo formal de atuação da ciência geográfica – seu ensino, sua pesquisa, sua aplicação – e a buscar potencialidades dialógicas entre esses campos (Girardi, 2009, p. 148).

Uma vez que os mapas são tidos, na sua versão habitual e no interior da ciência geográfica, como a verdade do território, o que neles está grafado é a expressão de verdade de um pedaço da superfície terrestre. São documentos de verdade, buscam a verdade, e, nesse sentido, mais uma vez recorro a Girardi para dizer que os mapas “transformam-se nos fios que tecem um discurso territorial. Esse é o poder dos mapas.” (Girardi, 2009, p. 153) Fios que se naturalizam como representantes de um conjunto de elementos do território.

A proposta das oficinas foi oferecer elementos para provocar os deslocamentos necessários a tais invenções e, a partir daí, pensar o que Massey chama de ‘hábito de pensar o espaço como uma superfície’, como aquilo que se percorre na extensão do território. Essas invenções possibilitaram pensar os espaços – criados nos jogos das oficinas – como espaçamentos, ou seja, que entre um espaço e outro espaço há um vazio, um espaço lacunar, um



fora do espaço *no* espaço. Algo que, estando em relação com o espaço dado, não se reduz e não se limita a ele. Algo que mobiliza uma potência de invenção que torna possível, a um só tempo, inventar-se e inventar mundos, cartografá-los, produzir mapas e deslocar-se intensivamente por esses espaçamentos.

As oficinas aconteceram no HCTP com um grupo de pacientes-internos² que não cumprem pena, mas medida de segurança. O Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico é o lugar dentro do sistema prisional destinado às pessoas que cometeram crimes e apresentam transtorno mental³. Os internos do HCTP vivem situações cotidianas de forte limitação espacial e de movimento uma vez que estão restritos

2 Elas integram a pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Educação da UNICAMP sob a orientação de Wenceslao Machado de Oliveira Junior e defendida sob o título Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=000779354>>

3 No sistema penal é considerado inimputável o praticante de um crime incapaz de apreciar o caráter ilícito do crime que cometeu, ao contrário dos imputáveis que sabem das responsabilidades ao cometer um delito. Aos criminosos inimputáveis não se aplica punição e sim medida de segurança. A medida de segurança é instituída no Código Penal Brasileiro como uma medida especial para esses criminosos que passam a serem tratados como doentes mentais.

a um circuito de deslocamento territorial diminuto por determinado tempo de vida, restrição à qual se soma aquelas provenientes do uso contínuo de medicação para transtornos mentais.

Neste texto apresento um jogo de linhas que resulta na produção coletiva de um mapa. Este, por sua vez, se apresenta acoplado as suas cartografias, que são o procedimento pelo qual se chega a dizer que determinada produção gráfica pode ser chamada de mapa. O texto é uma composição para a ativação da noção de cartografias intensivas. As situações de jogo das oficinas resultam numa paisagem onde os conceitos, sem pretensão de fixidez, se movem e permitem outras articulações, são passagens para outros caminhos. Caminhos percorridos, indicados e traçados pelas pessoas presentes nos encontros: em torno de quinze internos e eu. Registram-se os movimentos deles e os meus. Os meus seguem em letra padrão Times New Roman fonte normal, já os



deles, também em Times New Roman, estão em *itálico**, ambos se cruzam formando muitas vezes emaranhados, confluências de vários movimentos; noutras vezes, na falta de um pedaço, sobram vazios. Formamos, ao final, uma *assemblage* de linhas: "... uma coleção amorfa de pedaços justapostos, cuja junção pode ser feita de infinitas maneiras: como veremos, o patchwork é literalmente um espaço riemaniano, ou melhor, o inverso" (Deleuze; Guattari, 1997, p. 182).

O território sobre o qual se desenrola nossa viagem, na aventura cartográfica experimentada, é descontínuo no tempo e no espaço, e pode aflorar disperso nos confins de um Hospital... Tais territórios não estão disponíveis e muito menos se encontram prontos às ocupações. São antes invenções de quem se encontra numa situação limite. Inventam-se espaços e simultaneamente ocupa-se-os. Espaços que *existem nas ocupações* (enquanto um jogo dura) e nunca fora, ou antes delas.

As oficinas são estratégias em educação que servem aos fins que o oficinairo determina em conexão com seu tema de interesse na pesquisa.⁴ Nos encontros do HCTP fizeram parte de um conjunto maior de encontros e formaram composições coletivas que desenham um lugar, que inventam um território aberto às ocupações a partir de linhas simples lançadas sobre superfícies esvaziadas. Uma linha, depois outra, muitas linhas. Um procedimento cartográfico produz mapa de uma geografia outra em movimento e em composição com os encontros.

Desdobrando

II. Agora, ao contrário, estamos em casa. Mas o em-casa não preexiste: foi preciso traçar um cír-

* As fontes citadas correspondem à formatação original da autora. Para a publicação na Revista Geografares, a fonte foi substituída por Verdana, mas o sistema de itálico, citado no texto, permaneceu.

⁴ Para saber por onde passa a noção de oficina utilizada nesta pesquisa sugiro ver o trabalho de CORREA, Guilherme C. Oficina – novos territórios em educação. In: PEY, Maria Oly. *Pedagogia Libertária: experiências hoje*. Rio de Janeiro: Imaginário, 2000.



culo em torno do centro frágil e incerto, organizar um espaço limitado. Muitos componentes bem diversos intervêm, referências e marcas de toda espécie. Isso já era verdade no caso precedente. Mas agora são componentes para a organização de um espaço, e não mais para a determinação momentânea de um centro. Eis que as forças do caos são mantidas no exterior tanto quanto possível, e o espaço interior protege as forças germinativas de uma tarefa a ser cumprida, de uma obra a ser feita. Há toda uma atividade de seleção aí, de eliminação, de extração, para que as forças íntimas terrestres, as forças interiores da terra, não sejam submersas, para que elas possam resistir, ou até tomar algo emprestado do caos através do filtro ou do crivo do espaço traçado. Ora, os componentes vocais, sonoros, são muito importantes: um muro do som, em todo caso um muro do qual alguns tijolos são sonoros. Uma criança cantolarla para arregimentar em si as forças do trabalho escolar a ser feito. Uma dona de casa cantarola, ou liga o rádio, ao mesmo tempo que erige as forças anti-caos de seus afazeres. Os aparelhos de rádio ou de tevê são como um muro sonoro para cada lar, e marcam territórios (o vizinho protesta quando está muito alto). Para obras sublimes como a fundação de uma cidade, ou a fabricação de um Golem, traça-se um círculo, mas sobretudo anda-se em torno do círculo, como numa roda de criança, e combina-se consoantes e vogais ritmadas que correspondem às forças interiores da

criação como às partes diferenciadas de um organismo. Um erro de velocidade, de ritmo ou de harmonia seria catastrófico, pois destruiria o criador e a criação, trazendo de volta as forças do caos. (Deleuze; Guattari, 1997, p. 116)

Sobre uma das mesas do refeitório do HCTP foram dispostos lápis pretos e coloridos, cartolinas brancas e alguns livros. Distribuídos num círculo em torno de uma das cartolinas demos início (os pacientes-internos e eu) ao jogo de traçar linhas. Linhas cujos tamanhos seriam determinados pelo jogador e a regra a ser seguida no grupo era a de que cada jogador, respeitando a sua vez, traçaria uma linha curva ou reta, longa ou curta, espessa ou fina. As primeiras linhas dispostas sobre a cartolina estavam espalhadas sem relação uma com a outra; mas à medida que o jogo avançava estabelecia-se entre elas alguma relação, dados os encontros que uma linha fazia com a outra. Assim, as novas linhas distribuídas sobre a cartolina exigiam de seus jogadores alguns



planejamentos; era como se elas não pudessem ser feitas de qualquer modo e, assim, os pacientes levavam mais tempo para traçá-las, como se tivessem medindo, calculando, determinando uma relação entre sua nova linha e aquelas traçadas anteriormente.

Depois de um tempo jogando já não eram mais linhas soltas num papel. A partir da sugestão dessas linhas os jogadores passaram a indicar pessoas, objetos, montanhas, barcos, ondas, mar... Ativava-se uma paisagem

composta por estas linhas.

Na seqüência solicitei a cada jogador que preenchesse uma área com cores diferentes. E uma questão se coloca: *o que é uma área?* Fomos todos olhar o desenho para visualizar áreas como campos delimitados e/ou fechados por um conjunto de linhas. Várias visualizações, várias tentativas de experimentar aquela palavra no contexto do desenho, no contexto do Hospital, já que este, como disse um paciente, *tem uma área muito pequena*



Figura 1



para tanta gente. Com as áreas coloridas (Figura 1) foi possível ver outras coisas: a imagem de *uma mulher grávida, outra de uma pipa solta no ar, de uma pessoa andando, da lua, de um sorvete.* Quando alguém sugeria uma imagem nos dirigíamos interessadamente ao painel buscando na tentativa de ver com ele a figura anunciada. Muita empolgação! A cada nova busca de uma nova figura anunciada outras coisas e relações surgiam: novas e dinâmicas paisagens. Ante a minha proposição de um nome para aquela composição (Figura 1) acontece uma acalorada discussão e muitas sugestões: *ao imaginar do surrealismo; paisagem cega; paraíso do ciclo; paisagem de ilusão; círculo novo [porque parece o começo de uma idéia]; contraste da tristeza [porque esse marrom ao lado do azul fica muito triste. Marrom, pra mim, é uma cor triste]; desenho inimaginável.* Decidimos por Paraíso do Ciclo.

As conversas sobre *Paraíso do Ciclo* tomavam, lentamente, consistência com refe-

rencia a um lugar, uma ilha: *Ilha Paraíso do Ciclo.* Um lugar-ilha ganha existência pela palavra e toma corpo com tamanhos, distâncias, volumes, relevos, alturas; abriga visitas, rotinas, amores e muitas histórias. Um lugar-ilha existindo na sua ocupação e nos encontros. Ocupar a ilha com os afetos sugeridos pelas linhas e pelos nomes era abrir um vão no espaço dado do Hospital, era estabelecer um território intensivo em relação ao espaço extensivo do Hospital.

Seguimos jogando. Usando uma nova cartolina solicitei a cada um que fizesse uma dobra e colocasse a cartolina dobrada no espaço da mesa. Do mesmo modo que o jogo anterior, cada um deveria esperar a sua vez para propor uma dobra. O jogo terminou quando a forma barco se estabilizou e quando disseram: *esse é o nosso barco que ficou muito bonito e com ele iremos para nossa ilha.* Eu e os cartógrafos viajantes partimos com nosso barco e o atracamos na ilha. Propus um jogo de traços,



linhas e dobras e, de repente, tínhamos um lugar e um barco: chão para novos encontros, território base de alguns começos.

O jogo não parava. Pedi a um dos pacientes que inventasse um começo de história, que contasse alguma coisa usando a *ilha* e o *barco*; a outro pedi que batesse palmas quando achasse que a história deveria ser interrompida. [Palma para começar] *A Ilha fica muito longe daqui, há muitos quilômetros e quilômetros e só o barco...* [palma] *o barco não pode se desmanchar* [palma] *tem muita música, cerveja e caipirinha no nosso barco* [palma, muitos risos] *o nosso barco não. Ele é bem silencioso* [palma e risos, muitos risos]. *Era uma vez um barco, feito por nós, que nos levaria a uma ilha bem longe daqui. Ele já estava com os passageiros e de repente toca uma sirene...* [palma] *e o barco afundou.* [palma e muitas gargalhadas]. O barco afunda e o jogo continua.

Na história havia dois barcos: o dos pas-

sageiros silenciosos e o dos barulhentos com música, caipirinha e muita festa. O barco dos silenciosos afundou, seus passageiros deram um jeito para que ele voltasse à sua posição no mar e seguisse a viagem rumo à *ilha*. Desviram o barco, juntam novos elementos, como pedaços de pau, para fazê-lo funcionar. E ele funcionava. A história não se interrompia, encontrando seu impulso nas linhas lançadas sobre a cartolina: quando um parava o outro continuava e assim, de linha em linha, de traço em traço, de dobra em dobra, foram dando cada vez mais corpo, mais consistência ao território. O barco estava capenga e funcionando a base do remendo, mas as coisas não se acabavam no afundamento de um barco, a vontade de seguir na invenção parecia bem maior do que a força que poderia afundar um barco, um corpo.

E foram mar adentro. Contando, observando, escutando, fazendo relações entre um barco e outro, entre as distâncias que os sepa-



ravam da ilha. Fazendo comparações entre o Hospital e a tal ilha, entre os muros do Complexo Penitenciário e o mar, o movimento forte das águas e o movimento lento da justiça até que os risos foram diminuindo por completo, e as falas também. Um paciente fora do grupo observava o refeitório que estava mais ou menos assim: sobre as mesas muitos lápis, papéis, revistas, borracha e na parede a cartolina *Ilha Paraíso do Ciclo* e o barco, sobre a mesa, apontando para a *ilha*. Ele pegou um papel e uma caneta, sentou numa mesa ao fundo da sala e desenhou rapidamente. *Olha aqui, eu soltei a mão, não pensei em nada. Não foi isso que vocês fizeram nisso aí que tá na parede?* Fez questão de colocar seu desenho ao lado do desenho da ilha. Antes que ele pudesse continuar outro paciente ocupa o lugar da palavra e lança seu traço para o que via: *Isso é loucura pura da cabeça. Tinha que ter mais manicômio para dar conta de todos os loucos do mundo que estão soltos por aí. Como tem tão pou-*

co manicômio em Santa Catarina? Olha isso que tá acontecendo aqui! [risos e silêncio também]. *Chega de manicômio!* [diz um paciente com voz forte, falando sério], *parece que tu não sabe como é isso aqui e ainda fica pedindo mais...*

A possibilidade de compor outros mundos era mais uma vez sobretaxada de loucura. Enquanto isso o paciente que havia soltado a mão no desenho seguiu sua linha: *a palavra que vem na minha cabeça quando eu olho pra esse mural (Fig 1) é 'pensando'*. Pensando?, pergunto. *É 'pensando', porque a gente não faz nada sem pensar.*

Uma interrupção porque o almoço estava chegando. Os agentes prisionais sinalizavam que o tempo daquele encontro havia terminado. Os meninos (pacientes internos) ajudaram a desmanchar as mesas, a guardar o que estava espalhado. Saí do refeitório carregando desajeitadamente os materiais, acompanhada por alguns deles que ainda falavam



sobre as maravilhas de ficar inventando essas coisas, imaginando, pensando. *Ah... como faz bem imaginar!* Ao longo dos encontros ficava evidente que os desenhos, as conversas funcionavam como disparadores da imaginação. Por meio deles produziam-se espaçamentos estabelecendo-se uma zona de vizinhança que não pertencia nem a geografia e nem a loucura e que, por isso mesmo, permitia a ambas entrarem numa relação de contágio. Percorrer essa zona implicava o duplo movimento no qual experimentávamos uma espécie de silenciamento da razão, isso a que Deleuze e Guattari chamaram devir louco, para que a geografia e a loucura fossem arrancadas de seus territórios constituídos para se tornarem uma outra coisa, para produzirem uma outra coisa de um outro modo.

Nesse sentido, inventar e ocupar uma ilha, várias ilhas, emerge como possibilidade de se afastar do continente, e assim enfrentar os ritmos previamente determinados que pro-

curam determinar a vida. As ilhas inventadas e inventando-se provem dos movimentos que atravessam os continentes, até mesmo o continente prisional.⁵

(...)

Às vezes, quando estou almoçando, olho para o meu desenho nessa parede. Ontem vi nele um barco de guerra, daqueles bem antigos, você lembra? Eu via isso nos filmes. Paraíso do Ciclo seguiu ocupando o centro das conversas na oficina. Um paciente, que estava em silêncio, prestando atenção ao mural (Fig. 1), levantou o dedo pedindo para falar: Professora, isso parece geografia. É um mapa. Seu colega, sentado ao lado, atento também ao cartaz, disse: É mesmo, é um mapa. As cores

5 Sobre isso ver *A menor das ecologias*. Neste livro Ana Godoy tensifica e intensifica a relação entre continente e arquipélago. O continente, como terra firme, não está em oposição ao arquipélago. Arquipélago não é o lugar para onde devemos correr quando tivermos destruído um continente. O arquipélago não está fora do mundo, fora do continente; pode estar longe. Longe não tem a ver, neste caso, com distâncias, e sim com potências corporais ativas (ótico-sonoras) de percepção. Um continente não é para ser destruído, mas percorrido e são estes percursos que desenham os arquipélagos fazendo com que "o continente, pretensamente formado, oscile, mostrando a passagem das rachaduras", introduzindo novos ritmos que constituem ecologias menores. (Godoy, 2008, p. 22.)



são os lugares, as linhas são as divisões de territórios.

Mapa do quê?, perguntei.

Ah, tem um bico de uma ave bem aqui; uma guitarra aqui ó. E aqui uma bota de polícia, em cima uma coxa de galinha, respondeu apontando o dedo para as áreas em que os via. Os demais o escutavam e seguiam-no propondo outras formulações. Ali tem um peixe. Esse amarelo é uma chama forte queimando. É fogo. O amarelo do mapa é o fogo. E tem uma pandorga ali, embaixo do bico da ave. Era o mapa da Ilha Paraíso do Ciclo desdobrando-se.

A conversa foi longe. Dela brotavam observações intrigantes sobre as linhas que estão no mapa, como é que elas são feitas, quem as faz, e, se elas dão conta de tudo... Perguntei sobre o que era um mapa para eles. *É um desenho que localiza as cidades, países, o Brasil, o mundo.* Depois disso seguiu-se uma série de colocações sobre o que seria mapa: *Uma foto-*

grafia do planeta. É um negócio pra gente se orientar. Se a gente quiser ir pra uma cidade grande tem que ter um mapa pra se localizar. É um desenho pra gente saber os países. O mapa serve pra gente se localizar.

Há por aí mapas com muitos e com poucos detalhes, diz um paciente olhando atentamente nosso mapa da ilha (Figura 1), e para os mapas que se encontravam no Atlas Geográfico Escolar que também estava sobre a mesa. Estes, e o 'esqueleto do manicômio' [se referindo ao mapa em forma de planta baixa que fez do HCTP, Figura 2] são mapas com poucos detalhes. Aqui só está estipulado o local e não o que tem dentro de cada repartição. Aqui, onde a gente se encontra preso, tem degrau por degrau, porta por porta, janela por janela, e dentro disso tem tanta coisa, tem eu, aqui, agora, cansado. Aqui nos desenhos tem porta com grade e porta sem grade. E isso não mostra a comida, o remédio, os enfermeiros, a fumaça, o barulho, alguma amizade... e o



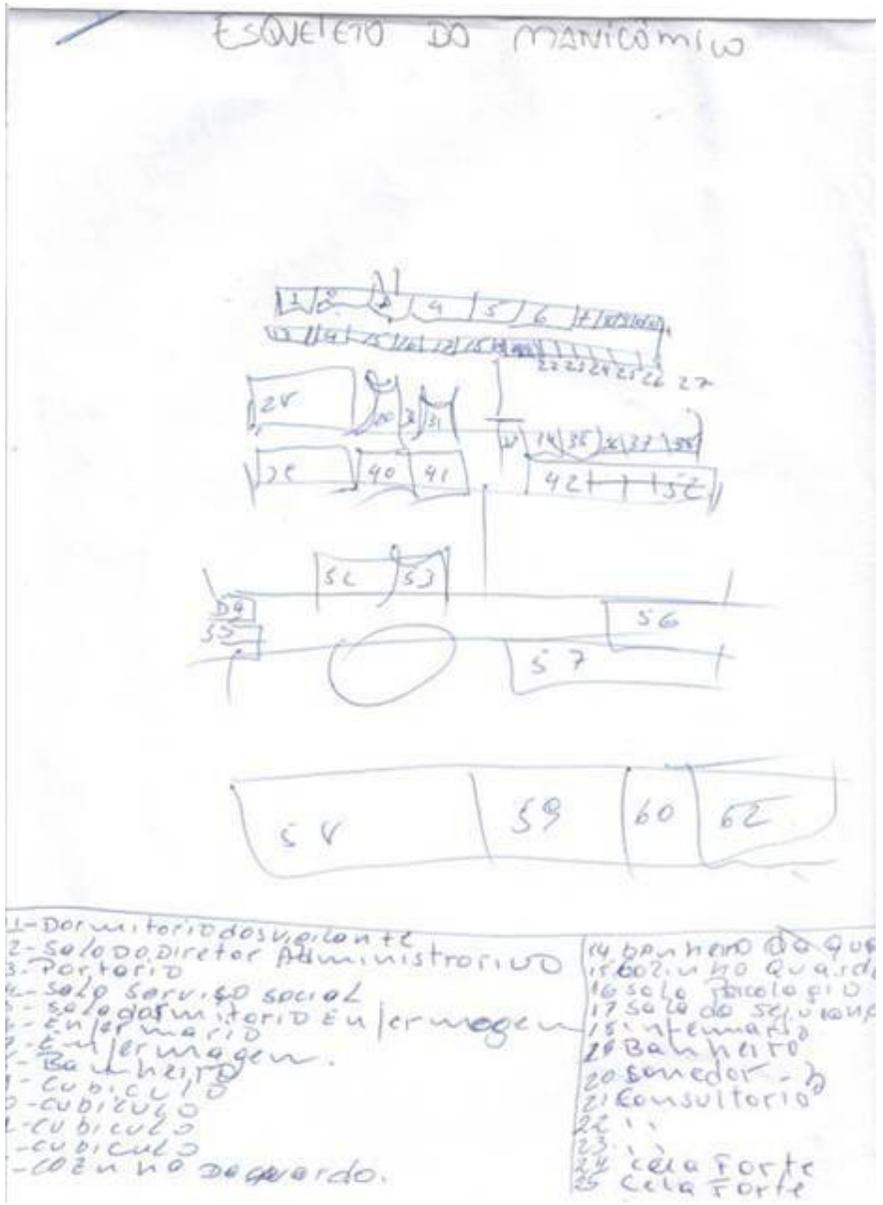


Figura 2



convívio nos leitos que é bem difícil. Tem tanta gente na enfermaria onde eu durmo. Falta o dia a dia. As brigas no refeitório. Os descontentamentos à situação que se encontram. Falta cor. Falta as roupas mesquinhas, a alimentação precária. Isso aqui são os corredores da morte, mas ninguém pode falar isso. O tal lugar que ninguém esquece. É um dilúvio. É o fim. O dilúvio é a chegada no corredor da morte, esfaca os sonhos, maltrata o homem. Por último, me olha rindo e com sua voz rouca diz: – Nós somos muito melhores que o sistema nos permite ser. Pergunta-me se está bom o que disse, se eu concordo que os mapas estão vazios e ressalta, olhando para o atlas, se eles não estão sempre vazios.

Pensativo, outro paciente se pergunta: Será que todos os lugares estão no mapa? Eu não acredito, diz um outro. Eu acho que o mapa mente. Tem coisa que o mapa não pega. A gente ainda não imaginou tudo. Tem sempre um lugar a mais a imaginar. Tem sempre um

lugar a chegar.

Retomava-se a poesia de Marrone na ilha per-

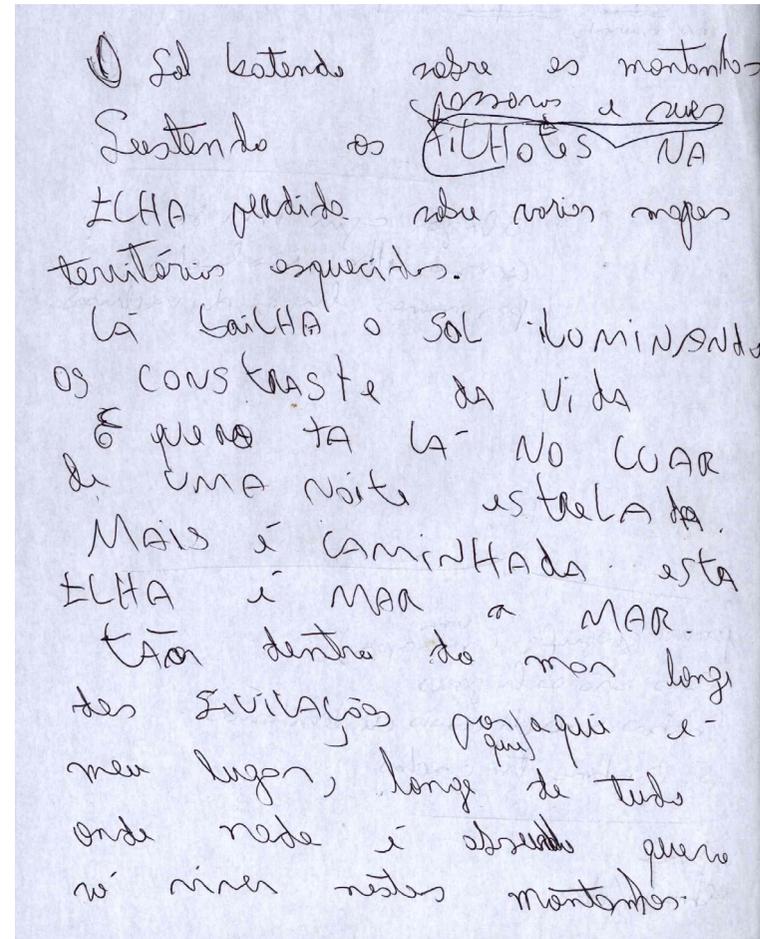


Figura 3



didá sobre vários mapas, territórios esquecidos [Figura 3]. Alguém dizia da existência de ilhas que os mapas não conhecem e que são as ilhas desconhecidas. ... [silêncio em mim]. *Tenho certeza que elas existem.* E são incapturáveis?, pergunto. *Claro.* [E sigo] É possível ainda, no contexto de alta tecnologia cartográfica, que uma ilha fique fora dos mapas? Há alguma terra ainda incapturável?

De qual terra estavam falando, de quais ilhas... a nossa *ilha Paraíso do Ciclo*, por exemplo. Sim, e isso começa a fazer algum sentido em mim, a criar alguma consistência para os espaços intensivos, para outra noção de território. Penso, com a consistência desse território, que há, sim, muita terra ainda incapturável. *Tenho certeza que elas existem, estão escondidas e ninguém sabe delas.* Há muitas coisas que os mapas científicos *não pegam*. Alcançáramos até ali a potência de pensar desse modo. A ilha da qual falavam era *Paraíso do Ciclo* e ela tinha consistência o bastante

(forças) para fazer um pensamento irromper à superfície e habitar o grupo. O lugar-ilha-paraíso-do-ciclo tinha sua geografia própria, um território base para essas profusões.

Tanto para a existência quanto para os conceitos é preciso traçar um território. Os conceitos não se dão sobre o nada e, é por isso, que é urgente inventar um lugar, uma terra para eles..., traçar um plano e povoá-lo com os conceitos. Não são novos conceitos, mas sim conceitos arrastados de seu lugar de origem e cujo funcionamento produz uma outra coisa que difere daquilo que era antes produzido. Novas, de fato, são as relações entre seus componentes, relações que não estão dadas e que se produzem no próprio movimento de percorrer o plano.

Com este trabalho caminhei sobre esses mínimos traços, armei com eles um chão, um território. Aí sim foi possível pensar a vida, uma saúde, um estilo, uma cura, uma geografia, uma espécie de educação em geografia



em meio a um quase analfabetismo do ponto de vista da ciência geográfica, bem como da ciência cartográfica.

Ao final daquele último encontro desta seqüência um paciente me disse: *Ah, imaginar é isso, poder ir tão longe com as coisas que se vê. Eu queria embarcar nessa jangada e ir embora pra Ilha.* No Hospital a imaginação é um combustível, um alimento para a vida.⁶

Composições de mundo

III. Agora, enfim, entreabrimos o círculo, nós o abrimos, deixamos alguém entrar, chamamos alguém, ou então nós mesmos vamos para fora, nos lançamos. Não abrimos o círculo do lado onde

⁶ A palavra imaginação é recorrente no texto. Estou sempre me referindo a uma capacidade imaginativa ligada ao que se experimenta nas oficinas. Não se imagina sozinho, sem nada, imagina-se com o que se faz e com o que os outros fazem; com o que se faz na oficina. Para David Hume (Deleuze, 2001) a imaginação está situada no princípio da associação de ideias. As ideias são provenientes das impressões e das sensações e as ideias levam à imaginação. É a experiência que fornece material às sensações e às impressões e daí imagina-se. Imaginar é uma capacidade ligada à experiência. "Consideremos a esse respeito uma relação muito especial, a de causalidade. Ela é especial porque não nos faz apenas passar de um termo dado à idéia de alguma coisa que não é atualmente dada. A causalidade me faz passar de alguma coisa que me foi dada à idéia de alguma coisa que jamais me foi dada, ou mesmo que não é dável na experiência." (Deleuze, 2006, p. 213).

vêm acumular-se as antigas forças do caos, mas numa outra região, criada pelo próprio círculo. Como se o próprio círculo tendesse a abrir-se para um futuro, em função das forças em obra que ele abriga. E dessa vez é para ir ao encontro de forças do futuro, forças cósmicas. Lançamo-nos, arriscamos uma improvisação. Mas improvisar é ir ao encontro do Mundo, ou confundir-se com ele. Saímos de casa no fio de uma cançãozinha. Nas linhas motoras, gestuais, sonoras que marcam o percurso costumeiro de uma criança, enxertam-se ou se põem a germinar "linhas de errância", com volteios, nós, velocidades, movimentos, gestos e sonoridades diferentes. (Deleuze; Guattari, 1997, p. 116 e 117)

O mapa intensivo é questão de chegada e não de partida. É onde se chega depois de um tempo experimentando com essas oficinas. E as oficinas abrem passagens para acolher o que está chegando. No início, durante as oficinas dedicadas ao desenho do lugar Hospital, percebia que os mapas que estávamos confeccionando continham muito mais elementos que os mapas que eu solicitava. Pedia que desenhassem o lugar sobre o qual se desloca-



vam no território do Hospital, e esses primeiros desenhos-mapas não tardaram a mostrar a distribuição dos elementos no espaço povoado pelos afetos experimentados nos lugares. As grades, por exemplo, se mostravam muito mais fortes e ativas após a conversa que cada desenho-mapa gerava. Cada conversa sobre grades aumentava a densidade das linhas que no papel demarcavam portas, celas, corredores, grades etc. Cada conversa e os desenhos que se seguiam a elas faziam com que as linhas (simples, finas, trêmulas) dos nossos mapas tornassem visíveis as camadas que o olho não enxerga.

Os mapas intensivos não funcionam sozinhos informando a qualquer um sobre aquilo a que se referem, precisam estar acoplados às suas cartografias (ao movimento-procedimento de traçar as linhas, neste caso para compor mundos). Eles não fornecem dados informativos como os mapas da geografia escolar, pois escapam sempre das representações. Por esta

razão, um mapa intensivo também não é (e não visa) a representação de um sintoma ou o diagnóstico de um interno, ele é um movimento do pensamento, da sensibilidade, dos afetos, e diz de como cada um vai resolvendo uma questão proposta na oficina.

Pode-se dizer que estes mapas são as geografias que uma vida, na dupla imobilidade da prisão e da medicalização, inventa para poder se deslocar, para expandir-se. Os mapas intensivos distribuem o visível e o invisível, e nessa distribuição o que resulta não pode ser enquadrado nos limites estreitos de uma identidade. Uma vez feitos nos possibilitam expandir a noção corrente de indivíduos internados em manicômios judiciais, pois cada linha nesses mapas se move, carrega cheiros, sensações, nos diz alguma coisa mais, despeja no mundo alguma coisa como, por exemplo, um alimento para o pensamento e para a sensibilidade. Os mapas, como lembra Deleuze, "não devem ser compreendidos só em extensão,



em relação a um espaço constituído por trajetos. Existem também mapas de intensidade, de densidade, que dizem respeito ao que preenche o espaço, ao que subtende o trajeto” (Deleuze, 1997, p. 76) tornando sensível os movimentos dos afetos que constituem nossos territórios existenciais.

Assim, quando a ilha ficava sozinha, aderida à parede, colada como ficam os cartazes, era apenas uma bonita composição gráfica, pois seus muitos sentidos são inseparáveis das produções das oficinas, ou seja, dos encontros que nela e por ela se fazem. Um paciente, um dia, depois de ficar por um tempo percorrendo o cartaz com o dedo, sozinho na sala do refeitório, nos disse: *sem pessoas isso aqui deixa de ser um mapa, que coisa engraçada.*

Na oficina, se alcançou a possibilidade de fazer fugir o poder domesticador dos mapas escolares como decalques da realidade, para entrar na cartografia intensiva e produ-

zir (inventar) mapas. Mapas não mais como imagem pronta, imagem fixa e estabilizada de um lugar. Mapas como acontecimento, como possibilidade de jogo e de invenção, como um modo de distribuir lugares, afetos, sensações.

As oficinas foram os operadores desse acontecimento em educação. Quais os sentidos de uma educação em geografia que passe pela invenção de mapas intensivos e pela desconstrução de uma noção de mapa escolar? Educação como invenção daquilo que, no dado, não está dado. Como possibilidade de fazer fugir as verdades cristalizadas nos livros didáticos sobre os mapas, sobre o território. Como possibilidade de enfrentar o poder dos mapas de representar o espaço tal qual se supõe que ele seja. Como possibilidade, sempre aberta, de traçar e percorrer as linhas que se agitam entre aquelas que nos fixam em identidades, em visões de mundo, em crenças, em celas, em enfermarias, em grades curriculares, em cursos de formação, em processos de



ensino-aprendizagem. Deleuze coloca que

as coisas, as pessoas, são compostas de linhas bastante diversas, e que elas não sabem, necessariamente, sobre qual linha delas mesmas elas estão, nem onde fazer passar a linha que estão traçando: em suma, há toda uma geografia nas pessoas, com suas linhas duras, linhas flexíveis, linhas de fuga etc. (Deleuze, 1998, p. 18).

Compor com linhas um mundo. Linhas simples, traçadas coletiva ou individualmente construíram casas, chão, território, chance para os Paraísos do Ciclo em nós. O contato com essas linhas de constituição frágil, frente as forças das linhas dos mapas oficiais que prolongam as linhas cartesianas do pensamento, pode produzir em nós um pouco de imaginação, a imaginação vitalmente necessária, que a realidade do aprender escolar carece, para fazer aflorar seus quinhões de virtual, o outro que todo espaço, todo corpo comporta. Cabe lembrar que neste trabalho o movimento de traçar linhas se deu, em primeiro lugar, so-

bre os mapas oficiais. Desde então as linhas cartesianas de tais mapas experimentaram um devir louco como aquilo que toda linha cartesiana comporta (Preve, 2010). Nesse sentido, o trabalho com os internos fez alguma coisa se passar, e o quê se passa é um devir louco das linhas cartesianas dos mapas oficiais. Um devir louco que arrasta o louco, a geografia, a educação e que pode aflorar a qualquer tempo em qualquer canto, dissolvendo os nomes gerais e o saber que eles carregam: as palavras e as linhas se movimentam enlouquecidas não mais designando sujeitos, perdendo a capacidade de se fixarem como referências. Instala-se aí uma movência e por meio dela abandonam-se os caminhos já traçados, as verdades derradeiras escapando ao presente que fixa e ao espaço que se divide em partes.

Os mapas de intensidade (sem referências fixas) produzidos pela exploração dos meios se apóiam em autores que pensam o mapa para além das extensões, para além



dos trajetos, que o pensam como devir. Se os mapas não devem ser compreendidos exclusivamente em extensão, em relação a um espaço constituído por trajetos, é porque são inseparáveis dos mapas das intensidades, das forças “que distribui os afetos, cuja ligação e valência constituem a cada vez a imagem do corpo, imagem sempre remanejável ou transformável em função das constelações afetivas que o determinam” (Deleuze, 1997, p. 77). Um mapa intensivo, uma lista de afetos ou constelações, dizem dos devires nos quais se entra ou pelos quais se é arrastado. É o devir que faz dos trajetos nas oficinas uma viagem. Intensiva viagem feita no mesmo lugar. Não imitamos o desenhista, o escritor, o mapeador, o cartógrafo, o mar, a Ilha, o barco, mas experimentamos *um tornar-se* alguma outra coisa no desenhar, no escrever, no mapear, no mar, na ilha...

O mapa, a paisagem, nunca vem antes. As intensidades não param, proliferam ma-

pas intensivos e estes são sempre insuficientes como expressão das paisagens sejam elas sociais ou psicossociais. Essas invenções de mundo problematizam e enriquecem a ciência geográfica e a cartográfica, e, como diz o poeta Manoel de Barros, servem para aumentar o mundo.

É preciso que a própria variação não deixe de variar, quer dizer, que ela passe efetivamente por novos caminhos sempre inesperados.
(Gilles Deleuze)



Referências Bibliográficas

73

CORREA, Guilherme C. Oficina – novos territórios em educação. In: PEY, Maria Oly. Pedagogia Libertária: experiências hoje. Rio de Janeiro: Imaginário, 2000.

DELEUZE, Gilles. Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2001.

_____. A ilha deserta e outros textos. Edição preparada por David Lapoujade. Organização da edição brasileira e revisão técnica Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminúras, 2006.

_____. Crítica e clínica. Trad. Peter Pál Pelbart São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. Sobre o teatro. Trad. Fatima Saadi, Ovídio de Abreu e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zaar, 2010.

_____. Conversações, 1972-1990. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, v. 4. Trad. Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora 34, 1997.



_____. O que é a filosofia? Trad. Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

GIRARDI, Gisele. Mapas desejantes: uma agenda para a Cartografia Geográfica. Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 3, p. 147-157, set./dez, 2009.

GIRARDI, Gisele; LACERDA, L. C. F. de; VARGAS, A. A; LIMA, L. M. Cartografias alternativas no âmbito da educação geográfica. Revista Geográfica de América Central, número especial EGAL, 2011.

GODOY, Ana. A menor das ecologias. São Paulo: EDUSP, 2008.

HARLEY, John Brian. A nova história da cartografia. O Correio da Unesco, São Paulo, v. 19, n. 8. p. 4-9, 1991.

_____. Mapas, saber e poder. Confins [Online], n. 5, 2009. Disponível em: <www.confins.revues.org/5724> Acesso em: 10 out. 2010.

MASSEY, Doreen. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Trad. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA JR. Wenceslao M. Apontamentos sobre a educação visual dos mapas: a (des) natureza da



idéia de representação In Colóquio de cartografia para crianças e escolares, 6., 2009, Juiz de Fora.
Anais: Juiz de Fora: UFJF, 2009. CD-ROM.

75

PREVE, Ana Maria Hoepers. Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação. 2010. 347 páginas. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

